

O Amor entre Mulheres: A tolerância esconderia mais preconceito?

Love Between Women: Would tolerance hide more prejudice?

Nilson Fernandes Dinis

Universidade Federal de São Carlos
ndinis@ufscar.br

Resumo

Este artigo tem por objetivo discutir as experiências homoeróticas entre mulheres como uma das formas de transgressão ao padrão heteronormativo. Aparentemente as experiências homoeróticas femininas parecem ser melhor aceitas pela sociedade do que as experiências masculinas. Tal fato representaria mesmo uma aceitação maior da homossexualidade feminina comparada à masculina ou seria apenas um signo de uma forma mais sutil de violência? Neste ensaio teórico, utilizamos o conceito de feminilidade, discutido pelo psicanalista brasileiro Joel Birman, como forma de pensar algumas questões sobre o homoerotismo feminino.

Palavras – Chave: Homossexualidade Feminina; Lesbianismo; Homoerotismo.

Abstract

This article aims to discuss homoerotic experiences between women as a way of transgression to heteronormative patterns. Apparently, female homoerotic experiences seem to be better accepted by society than male ones. Would this fact represent even a better acceptance of female homosexuality compared to male one, or would it be only a sign of a more subtle violence? In this theoretical essay, we use the concept of femininity, discussed by Brazilian psychoanalyst Joel Birman, as a way of thinking some questions about female homoeroticism .

Keywords: Female Homosexuality, Lesbianism; Homoerotism.



O Amor Entre Mulheres: a tolerância esconderia mais preconceito?

O amor entre mulheres: a tolerância esconderia mais preconceito?

No meio acadêmico, a proporção de estudos sobre a homossexualidade masculina ainda é maior do que os estudos sobre a homossexualidade feminina. Apesar de uma presença maior de artigos acadêmicos sobre o tema, atualmente, principalmente em revistas universitárias da área de gênero conhecidas nacionalmente como Estudos Feministas e Cadernos Pagu, durante muitos anos as principais referências produzidas nessa área, no Brasil, foram os livros: *O lesbianismo no Brasil*, do pesquisador Luis Mott e *O discurso da homossexualidade feminina*, da pesquisadora Denise Portinari, esse último um excelente trabalho publicado em 1989, que infelizmente não recebeu novas impressões e edições.

Mais especificadamente, na Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero, ao realizarmos uma pesquisa com os termos 'lésbica', 'lesbiana', 'lesbianidade', 'lesbianismo', 'homossexualidade feminina' encontramos somente os artigos: *Territórios, gerações & culturas: (des) continuidade das expressões de gênero entre lésbicas* (CARVALHAES et al., 2011, p. 92-103) e *Mulheres homossexuais e as relações vividas na escola: entre visibilidades e invisibilidades* (GRANÚZZIO, 2012, p.127-144). O primeiro artigo apresenta uma pesquisa que envolveu entrevistas com dez mulheres que se nomeiam lésbicas, investigando as representações de masculinidade e feminilidade, sendo que os resultados apontam a influência do fator geracional nas mulheres mais jovens que tendem a ver tais conceitos de forma menos essencialista que as mulheres mais velhas. No segundo artigo, a autora utilizou-se de um grupo de discussão virtual com doze mulheres que também se nomeiam como lésbicas para estudar os sentidos atribuídos por essas mulheres às

relações sociais vividas na escola, sendo que os resultados apontam ainda forte presença no espaço escolar de mecanismos de silenciamento e discriminação das relações homossexuais, mas apontam também para a necessidade da discussão do tema no currículo como forma de combate ao preconceito.

Já as produções midiáticas como o cinema e a televisão têm sido mais generosas na representação de imagens da homossexualidade feminina, aparecendo mesmo no cenário das novelas globais nos últimos anos, assim como em uma série de filmes como: *Amigas de colégio*; *Desejo Proibido*; *Fome de viver*; *Todas as cores do amor*; *Notas sobre um escândalo*; *Lírios d'água*; *Ligadas pelo desejo*; *Mulher solteira procura*; *Quando a noite cai*; *Corações desertos*; *Almas gêmeas*; *Beijando Jéssica Stein*; *Somente elas* e *A minha mãe gosta de mulheres*.

Podemos também lembrar a grande quantidade dos chamados filmes pornô ou 'para adultos' que incluem relações sexuais entre mulheres, às vezes com a participação *voyeurista* ou ativa de um parceiro, do gênero masculino. Isso se deve ao fato de que muitos homens heterossexuais relatam ter fantasias em ver suas parceiras em relação sexual com outras mulheres ou pelo menos outras mulheres com as quais não tenham uma relação estável.

Mesmo um excelente filme *Cult*, como *Desejo Proibido*, usou como principal chamariz publicitário as cenas de amor entre as personagens vividas pela então atriz Ellen Degeneres, hoje uma apresentadora de TV bastante reconhecida nos Estados Unidos e uma das mulheres de maior *sex appeal* do cinema, a atriz Sharon Stone. O que, de certa forma, relegou ao segundo plano as outras histórias do filme com enredos, interpretações igualmente interessantes e com conteúdos mais explicitamente ligados à reivindicação

O Amor Entre Mulheres: a tolerância esconderia mais preconceito?

de direitos civis dos grupos lesbianos.

No entanto, estranhamente, o mesmo relato é pouco presente quando se trata das fantasias sexuais das mulheres heterossexuais, pois poucas relatam o desejo de ver seus parceiros do sexo masculino em uma relação sexual com outro homem. A quantidade de filmes para adultos que apresentam relações sexuais entre homens sendo presenciadas por suas parceiras do sexo feminino também é muito menor. Mesmo com a proliferação das práticas de trocas de casais nas chamadas casas de *swing*, geralmente a troca se limita a trocas heterossexuais ou experiências lesbianas entre mulheres, sendo poucos os relatos de experiências homossexuais entre dois homens, nesse tipo de ambiente. Entre as poucas exceções está a provocação ousada da fantasia em ver dois homens, em uma relação sexual, na personagem feminina protagonista do livro *A casa dos budas ditosos*, de autoria do escritor baiano João Ubaldo Ribeiro, que resume bem, ainda que em linguagem literária, muitas das proposições atualmente trabalhadas pelas perspectivas culturalistas que pensam a construção histórico-cultural das diversidades sexuais e de gênero:

As mulheres sempre se revelaram ótimas nisso, a maior parte me ajudava muito a convencer os maridos e namorados a transar com outros homens na nossa presença ou com a nossa participação. Você pode pensar que não, mas as mulheres curtem isso, talvez muito mais do que a maioria suspeita, não me lembro de uma que tivesse experimentado e não tivesse gostado. Então, nas trepadas de quatro, há frequentemente disfarces, que, quando eu descobria, desmascarava logo e encorajava a que liberassem logo tudo, fossem homens na

expressão da palavra, fossem os fodaços que nós sempre quisemos que fossem. E um fodaço cheio de limitações não pode ser um fodaço. Que um não curta certas coisas, tudo bem; um camarada pode gostar muito de comer outro e não querer dar para esse outro, assim como esse outro pode muito bem só querer dar, ou dezenas de vice-versa. Assim como pode não sentir tesão por uma determinada pessoa, ou tipo de pessoa, pode-se até só ter tesão por um tipo de pessoa exclusivamente, embora isso já seja doidice. Mas que se seja absolutamente infenso a toda e qualquer coisa com o mesmo sexo, aí não, aí é limitação grave, não há um homem ou mulher completo, no caso. Todo homem que disser que nunca, na vida toda, sentiu nenhum tesão por absolutamente nenhum outro homem, até um belo transexual ou um efebo, mas nenhum mesmo, ou está mentindo ou se enganando. O mesmo para as mulheres, que reconhecem esse fato com muito maior facilidade, talvez porque não tenham que ser machos como os homens e não vivam tão assustadas o tempo todo. [...] Excetuando casos graves de doença mental, todas as mulheres gostam de mulheres também, em graus variados ou até especializados, do mesmo jeito que todo homem gosta de homem, faz parte da constituição de nós todos, ninguém nasceu com papel sexual rígido, todo mundo é tudo com maior ou menor grau, o resto é medo de fantasmas ridículos e absurdos, que nunca se sustentaram nas suas pernoites de névoa (RIBEIRO, 1999, p. 116-117).

O Amor Entre Mulheres: a tolerância esconderia mais preconceito?

Esse medo masculino, relatado pela personagem, em experimentar trocas homoeróticas, que possam também ser apreciadas e presenciadas por suas parceiras mulheres, talvez possa ser explicado pelo medo de que as práticas homoeróticas possam destruir a imagem de 'macho' que os homens acreditam estar presente no imaginário das mulheres. Ao menos é o que parece apontar Michel Foucault ao comentar ainda que rapidamente sobre o tema em uma de suas entrevistas:

Os homens acreditam que na mente das mulheres eles existem como donos, e pensam que a idéia de estarem submetidos a outro homem, de estarem sob outro homem ao fazer amor, destruiria a sua imagem aos olhos das mulheres. Eles acham que as mulheres só podem experimentar prazer considerando os homens como donos (FOUCAULT, 2000, p. 37).

Todavia, o relato predominante de uma possível aceitação das experiências afetivo-sexuais lesbianas poderia nos levar a hipótese de que haveria uma maior tolerância em relação às experiências afetivo-sexuais entre duas mulheres do que entre dois homens. Mesmo na infância o toque, a troca de carícias, o vestir-se e maquiarse juntas, assim como a troca de roupas, são situações permeadas por um leve erotismo, às vezes inconsciente, que é permitida na sociedade ocidental para as meninas e interdita para os meninos. Ao contrário do que ocorre em alguns dos países orientais, onde podemos ainda encontrar homens se cumprimentando com beijos, andando abraçados ou de mãos dadas pelas ruas. No mundo ocidental duas mulheres caminhando pelas ruas de mãos dadas despertam muito menos estranhamento do que dois homens na mesma atitude, os

quais provavelmente estariam mais sujeitos a agressões verbais ou mesmo físicas.

Mas nem sempre o imediatamente visível é o mais revelador, no plano dos discursos é preciso também ficar atento para outras formas mais sutis, nem por isso ocultas, nem menos eficientes, que se misturam e se apresentam com esses outros discursos hegemônicos, produzindo novas perspectivas e novos olhares sobre o assunto.

Poderíamos perguntar se aceitação das experiências afetivo-sexuais de mulheres lesbianas ou bissexuais, principalmente a partir do olhar masculino, não seriam contempladas como apenas uma experiência lúdica preliminar para uma relação heterossexual ou até que chegue o macho certo, capaz de reconduzi-las novamente ao exercício da heterossexualidade. Uma das grandes fantasias no universo masculino é saber o que acontece realmente em uma relação sexual entre duas mulheres, já que pode haver aqui a ausência do falo, símbolo primordial na construção falocêntrica da sexualidade masculina. Assim, será que a pretensa tolerância não esconderia um preconceito ainda maior, pois seria negado a relação entre duas mulheres o caráter sexual, devido à ausência de uma penetração pênis-vagina? O mesmo argumento utilizado por alguns homens para negar que houve relação sexual, em casos, nos quais a relação com uma parceira se limitou a experiências de prazer que não culminaram em uma penetração pênis-vagina, a exemplo do conhecido caso de um ex-presidente norte-americano que usou tais argumentos como forma de se livrar de um processo judicial de assédio sexual, promovido por uma de suas estagiárias.

Nesse sentido, podemos falar da predominância da concepção de uma sexualidade falocêntrica. Alguns dos estudos realizados pelo psicanalista brasileiro Joel Birman podem nos dar algumas pistas sobre o

O Amor Entre Mulheres: a tolerância esconderia mais preconceito?

assunto. Em Gramáticas do erotismo (BIRMAN, 2001), o autor promove uma releitura da psicanálise na atualidade, principalmente a partir do impacto do conceito de feminilidade construído em Análise terminável e interminável, um dos últimos textos de Sigmund Freud, publicado em 1937. Ao longo de seu sofisticado ensaio, Birman mostra alguns dos avanços na forma de representar o feminino, mas também, por outro lado, um certo comprometimento do discurso freudiano com alguns dos dispositivos de poder de seu tempo histórico na regulação do corpo feminino. O próprio autor ressalta as dificuldades de sua nova leitura e também a sua importância:

Não obstante o fato de ter sido este conceito enunciado de maneira indireta, oblíqua e negativa, a feminilidade nos permite ler nas entrelinhas outro ponto de partida para a leitura do sujeito em psicanálise. Uma crítica da sexualidade, interpretada como fundada no falo, enuncia-se aqui. Seria preciso dar a tudo isso uma positividade, contudo, que o discurso freudiano de fato não enunciou (BIRMAN, 2001, p. 230).

Para Birman, o conceito de 'feminilidade', enunciado no texto freudiano, rompe com o modelo fálico anterior, que funcionava no registro masculino e no feminino, pois tanto o funcionamento da sexualidade masculina como o da feminina se sustentava em torno do falo, entre ter e não ter o falo. Desta forma, a feminilidade, apesar do nome, não seria nem atributo específico do gênero feminino nem do masculino, já que ambos construíram-se pelo signo do falo – pela posse ou pela ausência. A feminilidade implica na renúncia ao erotismo fálico, o que produziria horror tanto nos homens como nas

mulheres, levando-os a uma vivência de desamparo. Força o sujeito a uma situação de abandono, de perda de referências demarcadas, a uma 'desfalização' da sexualidade, uma renúncia ao sentimento de onipotência e arrogância, de forma a constituir para o sujeito novas formas de erotismo e sublimação. A feminilidade, nesta visão, seria, sobretudo um estado que antecede a organização fálica, remetendo-nos às nossas origens, à condição de finitude e imperfeição que marca a essência humana desde o nascimento. Desta forma, a organização fálica teria se construído como mecanismo de defesa sobre o sentimento de desamparo na feminilidade, vivida pelo sujeito na sua origem.

De acordo com Birman, seria possível rastrear a formulação em estado bruto deste conceito na obra freudiana desde 1920, com o conceito de pulsão de morte:

O reconhecimento de que existiria uma modalidade de pulsão sem representação, que se oporia à dita pulsão de vida, é a primeira marca de revelação teórica do território da feminilidade. Isso porque o mundo da representação, até então o critério da existência psíquica da pulsão, seria um indicador seguro e direto do mundo enquanto visibilidade (BIRMAN, 2001, p. 234).

A pulsão de morte, ao contrário da pulsão de vida, é da ordem do desmedido, do não representável, do invisível. Ela abre passo para o mundo dos afetos, das intensidades que não se deixam nomear, obriga o sujeito a recriar sua forma de estar no mundo, convivendo com a finitude e a fragmentariedade das forças que compõem a vida.

Na travessia do mundo contemporâneo, os modelos identitários construídos a partir dos

O Amor Entre Mulheres: a tolerância esconderia mais preconceito?

emblemas fálico-narcísicos, modelo hegemônico de defesa quando a sociedade se vê ameaçada por forças mutantes que solapam as referências identitárias, devem ser desconstruídos para a emergência de novas formas de subjetivação, de novas formas de relação com o corpo e com o prazer, da constituição de novas 'gramáticas do erotismo'.

No entanto, se a feminilidade não pertence em essência ao gênero feminino, também devemos levar em conta que foi na escuta do corpo das históricas, das suas convulsões, na incapacidade de um controle firme do corpo, das intensidades de sensações que arrastavam o corpo para além das fronteiras restritas da normalidade, que a psicanálise adestrou os instrumentos que a permitiram formular mais tarde o conceito de 'feminilidade'. E é no contato com esse conceito, assim como com a consciência de nosso desamparo e finitude no mundo, que reaprenderemos a compor novos usos dos prazeres, novos processos de subjetivação, novas estéticas da existência.

Na sexualidade falocêntrica o homem se subjetiva como aquele que mostra sua posição superior no ato sexual, porque é aquele que tem o falo, aquele que come possuindo a mulher, ele confirma seu lugar de sujeito, o sujeito do falo, ao mesmo tempo em que o outro, a mulher, torna-se um objeto, o lugar de um não-falo. Mas mesmo no caso das experiências lesbianas, muitas vezes, essa lógica também é reproduzida no binarismo da *butch* e da *femme*, sendo uma considerada ativa e a outra passiva na relação sexual. Porém, presenciamos também nas relações lesbianas uma resistência maior ao enquadramento nestes papéis, quando comparadas às relações homossexuais masculinas. Muitas criticam esse binarismo da *butch-femme* exatamente por reproduzir certo modelo das relações heteronormativas. E, talvez, seja exatamente isso o que mais instigue a fantasia e a curiosidade masculina

em presenciar a relação sexual entre duas mulheres. Que tipo de experiências podem ser inventadas quando o falo não está presente?

Essa curiosidade erótica sobre a sexualidade do outro, nos leva a outro questionamento produzido pela pesquisadora canadense Deborah Britzman:

(...) embora a identidade heterossexual normativa exija que se construa, ao mesmo tempo, a homossexualidade como falta, o que se deixa de pensar é que todas as sexualidades devem ser construídas, que nossas práticas e interesses são socialmente negociados durante toda nossa vida e que a moldagem sexual não precisa estar presa a estruturas de dominação e sujeição. (BRITZMAN, 1996, p. 91).

Portanto, o conhecimento sobre o comportamento sexual de gays e lésbicas não contribui apenas para a redução dos comportamentos de discriminação às formas alternativas de viver a sexualidade, mas também podem ajudar heterossexuais a reinventarem suas formas de prazer, mesmo no seu relacionamento com parceiros do gênero oposto.

Assim, em vez de ver a questão da homossexualidade como sendo de interesse apenas para aquelas pessoas que são homossexuais, devemos considerar a forma como os discursos dominantes da heterossexualidade produzem seu próprio conjunto de ignorâncias tanto sobre a homossexualidade quanto sobre a heterossexualidade (BRITZMAN, 1996, p. 92).

Avançando sobre o campo das observações da autora, podemos dizer

O Amor Entre Mulheres: a tolerância esconderia mais preconceito?

também que o conhecimento de novas formas de obter prazer, vivenciadas por outras minorias sexuais, poderia, por exemplo, ajudar no problema bastante atual de um crescente número de homens heterossexuais com problemas de disfunção erétil que procuram clínicas médicas ou de psicologia. Parte dos fatores associados à disfunção erétil não estão associados a causas biológicas, mas a causas psicológicas, ou seja, à incapacidade de experimentar outros prazeres que não estejam conectados diretamente ao modelo falocêntrico de penetração pênis-vagina. A preocupação do prazer masculino tem se resumido a fatores de desempenho sexual associados com o tamanho do pênis, com o prolongamento da ereção e o número de ejaculações, um mecanismo de defesa falocêntrico frente ao medo do desamparo e do jogo de imprevisibilidade existente no encontro das relações afetivo-sexuais. Uma nova educação sexual poderia ajudar esses mesmos homens a aprender a prolongar sua experiência sexual, com sua parceiras, reinventando novas formas que não se baseiem exclusivamente neste modelo falocêntrico.

Assim, voltando a questão inicial de nosso artigo, uma maior tolerância em relação às experiências afetivo-sexuais entre mulheres pode significar sim uma curiosidade lúdica masculina em aprender novas formas de prazer que possam aliviar o peso do modelo falocêntrico, que rege predominantemente a sexualidade masculina. Mas também pode esconder uma violência maior. A intolerância em relação a expressões de afetividade e de sexualidade entre dois homens são, predominantemente, representadas no imaginário masculino heterossexual como uma repetição do modelo falocêntrico, onde os dois parceiros têm o falo podendo penetrar ou ser penetrados, ainda que na prática as inúmeras experimentações da homossexualidade masculina nem sempre se

encaixem neste tradicional modelo. Já em relação às experiências lesbianas, a dificuldade masculina em transpor o modelo falocêntrico devido a ausência do pênis (ainda que possa ser recriado artificialmente) faz com que essas sejam vistas apenas como uma brincadeira passageira, um certo jogo lúdico, até que chegue o macho certo que restaurará a ordem da heterossexualidade, daí o fato de serem toleradas. Se pensarmos deste ângulo, o que parece ser uma maior tolerância em relação à homossexualidade feminina esconderia na verdade uma violência maior, ou seja, a falta de reconhecimento de que entre duas mulheres possa haver o exercício pleno de uma sexualidade. O jogo lúdico lesbiano seria só uma espécie de preliminar ao verdadeiro e legítimo ato sexual que seria a relação heterossexual, na qual um homem penetra fisicamente uma mulher.

Alguns fatores históricos podem corroborar essa visão. Na época do regime nazista, os homens homossexuais eram obrigados a usar a estrela rosa como signo de umas das mais baixas qualificações, o que era considerado inferior mesmo a estrela amarela usada pelos povos judaicos e muitos foram assassinados nos campos de concentração; mas as mulheres muitas vezes eram preservadas, primeiro porque estavam na qualidade de possíveis reprodutoras, sujeitas ao estupro que as levariam a ser genitoras da nova raça ariana, mas também pela crença de que a homossexualidade feminina seria mais fácil de corrigir e de modificar do que a homossexualidade masculina. Nos dias atuais, a imprensa também tem veiculado notícias de que na África do Sul a violência sexual contra mulheres lésbicas vem ocorrendo com frequência, sendo considerada uma forma de 'curá-las' de seu desvio sexual. Segundo informações do site Dikerama.com (2009) estima-se que 500 mil casos de estupro acontecem por ano no país e de que 25 homens acusados judicialmente, 24 foram

O Amor Entre Mulheres: a tolerância esconderia mais preconceito?

absolvidos, revelando, portanto, algum grau de omissão por parte das políticas governamentais. De acordo com as informações do site:

A maioria das vítimas declara que os estupradores dizem estar 'ensinando uma lição a elas' ou mostrando como ser 'uma mulher de verdade'. Zanele Twala, diretora do ActionAid (um grupo de direitos humanos) da África do Sul, diz que os chamados 'estupros corretivos' são uma manifestação grotesca da violência contra a mulher, a mais difundida violação dos direitos humanos no mundo de hoje. Esses crimes continuam crescendo e impunes, enquanto o governo simplesmente fecha os olhos. Uma das vítimas disse ao ActionAid: 'Nós somos insultadas todos os dias, batem em nós quando andamos sozinhas na rua. Você é constantemente lembrada de que merece ser estuprada. Eles acreditam que se te estuprarem, você vai virar hétero, comprar saias e começar a cozinhar, porque você terá aprendido como ser uma mulher de verdade'. (DYKERAMA.COM, 2009).

Desta forma, entender a homossexualidade feminina como algo passageiro, mais reversível ou passível de uma correção, significa, neste mesmo ângulo, entender a homossexualidade masculina como algo irreversível, principalmente quando um homem adota uma posição sexual passiva em uma relação com outro homem. Elementos que estavam presentes mesmo na cultura grega antiga, conforme apontam os estudos de Foucault:

Até mesmo os gregos conheceram o problema colocado pela adoção de

um papel passivo numa relação amorosa. Para um homem nobre grego era natural fazer amor com um escravo varão que assumisse o papel passivo, uma vez que o escravo era inferior por natureza. Mas, quando os varões gregos, da mesma classe social, faziam amor se colocava um autêntico problema, uma vez que nenhum deles queria se humilhar perante o outro. Na atualidade esse problema continua ocorrendo entre os homossexuais. A maioria acha que o papel passivo é, em certa medida, humilhante. Na verdade, as relações Amo-Escravo vieram atenuar um pouco esse problema. (FOUCAULT, 2000, p. 37).

Nesse caso, negar uma identidade homossexual a mulher não é simplesmente pensar uma perspectiva culturalista na qual tanto as identidades heterossexuais como as identidades homossexuais, sejam masculinas ou femininas, estão em processo de construção. A visão de uma maior reversibilidade da homossexualidade feminina ou das experiências homoeróticas entre mulheres como algo passageiro significa entender a mulher como objeto de posse e não como sujeito. Alguém desprovido do falo e, ao mesmo tempo, sujeitado ao falo, sem falo, sem voz, alguém que não penetra, mas que é penetrada, penetrada pela fala do discurso do outro, o saber do discurso masculino, que produz as representações sobre o feminino como sujeito de uma falta, a exemplo de parte dos discursos da psicanálise. O feminino não é mais marca de um sujeito, o feminino torna-se a significação da falta, corpo sujeitado. Sua busca é pelo falo, a mesma metanarrativa psicanalítica que faz com que o primeiro objeto de desejo homoerótico da menina pela sua mãe seja abandonado pelo desejo por seu pai, ou seja,

O Amor Entre Mulheres: a tolerância esconderia mais preconceito?

o portador do falo. A mulher adulta, também, depois de suas experimentações lúdicas homoeróticas, que poderiam ser lidas como uma tentativa de reviver a relação primária com a figura materna, procuraria na relação heterossexual a 'verdadeira' plenitude da sexualidade. O que talvez explique as dificuldades de Freud em: 'A psicogênese de um caso de homossexualismo em uma mulher', escrito em 1920, em entender a experiência da homossexualidade feminina por outro ângulo que não fosse a 'inveja do pênis'.

Entender as experiências afetivo-sexuais, sejam elas heterossexuais ou homossexuais, como um campo de experimentações que não se reduzem à penetração pênis-vagina, poderia ajudar mulheres e homens, no mundo contemporâneo, a reinventarem seus corpos e seus prazeres, o que significaria não só um maior reconhecimento da legitimidade das relações homoeróticas tanto femininas como masculinas, mas também novas possibilidades de reinvenção de prazer para as relações heterossexuais, talvez mesmo uma alternativa ao dilema presente no jogo de dominação penetrar - ser penetrado. Experimentar prazeres para além das fronteiras binaristas e excludentes de conceitos como homem-mulher, heterossexual-homossexual, ativo-passivo, dominar - ser dominado, penetrar - ser penetrado, preliminares - ato sexual. Neste jogo lúdico, o corpo todo se converte em objeto capaz de penetrar e de ser penetrado, não há signo da falta, há a plenitude da experimentação de cada sensação. Uma desconstrução dos mecanismos de defesa baseados no modelo fálico-narcisista e uma redescoberta dos prazeres lúdicos ligados a uma sexualidade pré-genital, enfim talvez uma revivência dos fantasmas da sexualidade perverso-polimorfa tão temidos por alguns dos discursos heteronormativos da psicanálise.

Referências

IRMAN, Joel. **Gramáticas do erotismo: a feminilidade e as suas formas de subjetivação em psicanálise**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

BRITZMAN, Deborah. O que é esta coisa chamada amor: identidade homossexual, educação e currículo. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, n. 21, v. 1, p. 71-96, jan./jun 1996.

CARVALHAES, Flávia Fernandes et al. Territórios, gerações & cultura: (des) continuidades das expressões de gênero entre lésbicas. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, v.2, n. 1, p. 92-103, jan./jul. 2011.

DYKERAMA.COM. **África do sul: cresce o número de estupros coletivos (15/03/2009)**. Disponível em: <http://dykerama.uol.com.br>. Acesso em 18/04/2009.

FOUCAULT, Michel. Um diálogo sobre os prazeres do sexo. In: FOUCAULT, Michel. **Um diálogo sobre os prazeres do sexo. Nietzsche, Freud e Marx**. Theatrum Philosophicum. São Paulo: Landy, 2000. p. 11-46.

FREUD, Sigmund. **A psicogênese de um caso de homossexualismo em uma mulher**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976.

GRANÚZZIO, Patrícia Magri. Mulheres homossexuais e as relações vividas na escola: entre visibilidades e invisibilidades. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, v.3, n. 1, p. 127-144, jan./jul. 2012.

MOTT, Luiz Mott. **O lesbianismo no Brasil**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

PORTINARI, Denise. **O discurso da**

O Amor Entre Mulheres: a tolerância esconderia mais preconceito?

homossexualidade feminina. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.

RIBEIRO, João Ubaldo. **A casa dos budas ditosos.** Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 1999.

**Recebido em 06 de dezembro de 2012.
Aceito em 12 de outubro de 2013.**

Nilson Fernandes Dinis

51